

Cortar ou cuidar da árvore que não dá fruto?

III Domingo da Quaresma (Ano C) 24mar2019

Evangelho: Lc 13,1-9

A passagem do Evangelho de hoje é formada pelo ensinamento de Jesus a partir de dois factos retirados da crónica do tempo e por uma breve parábola final.

O primeiro episódio é de violência perpetrada pelo governador romano da Palestina: «Vieram a contar a Jesus que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus, juntamente com o das vítimas que imolavam»; o segundo episódio relata uma desgraça natural, acontecida num bairro de Jerusalém, chamado Siloé: «E aqueles dezoito homens, que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou?»

Estas tragédias aconteceram há dois mil anos, contudo podemos encontrar um paralelo com o nosso tempo. O primeiro, na violência praticada pelos homens: as perseguições contra as minorias, contra os cristãos e não só (pensemos no atentado terrorista nas duas mesquitas neozelandesas em Christchurch, que fez 49 vítimas mortais), as guerras com os milhares de refugiados que ninguém quer acolher, os assassínios de mulheres, a criminalidade organizada e os crimes contra a mãe Terra, constantemente poluída, explorada e contaminada. O segundo, na violência da natureza, que parece reagir com terremotos, tsunamis, tempestades tropicais, incêndios, derrocadas, erupções vulcânicas, etc.

«Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? E aqueles dezoito homens... julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?», pergunta Jesus. Em ambas as situações, Jesus responde categoricamente: «Eu digo-vos que não!»

Perante este género de desgraças, temos reações diferentes: quem pensa logo num castigo que vem do Céu; e quem lamenta que Deus não faça nada para impedir tudo isso. Mas Deus Pai e Criador, na sua benevolência, deu-nos liberdade e sabedoria para edificar um mundo mais justo e solidário, livre de qualquer violência.

Perante a morte violenta, Jesus desafia-nos a refletir e discernir: «Se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo.» Estas palavras não devem ser entendidas no sentido que quem não se converter morrerá de morte violenta. À luz da Sagrada Escritura, aquelas palavras lembram-nos que todos somos sujeitos à morte física, mas o importante é não sofrer a «morte eterna». Aquela que S. Francisco de Assis, no Cântico das Criaturas (*Laudato si'*), chama «a segunda morte que não lhe fará mal», se o homem viver produzindo frutos de paz, de amor e de perdão.

E é quanto Jesus lembra com a parábola final da figueira estéril. O patrão quer cortá-la porque faz três anos que não dá fruto, mas o agricultor pede-lhe paciência e perseverança para «esperar» mais um ano, procurando lavrar o terreno e pôr mais adubo.

Deus espera frutos bons na vida do homem; espera com paciência, mas não até ao infinito. Também a Terra, nossa «casa comum», espera uma nova relação por parte dos governantes e de cada ser humano.

Eis que a palavra de Deus, nesta Quaresma, nos convida a não viver uma vida «vazia» e «selvagem», porque quando o julgamento vier, poderá encontra-nos impreparados. Basta uma desgraça para pôr fim à nossa vida – uma doença, um acidente, ou até uma árvore que nos cai por cima... – Deus queira que não! Mas a coisa pior é não estarmos preparados, «convertidos»: homens e mulheres que vivem a vida em plenitude, amando, servindo, respeitando, o «jardim» em que fomos criados!

Frei Fabrizio Bordin (ofmconv.)